

## DR. SÉRGIO DA SILVA PINTO

A Faculdade de Letras perdeu no ano passado um dos seus professores, o Dr. Sérgio da Silva Pinto.

Nascido em Braga a 26 de Junho de 1915, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra em 1939, tendo posteriormente frequentado o Curso de Bibliotecário-Arquivista na mesma Universidade. Homem profundamente preocupado pelos problemas históricos, desde cedo se dedicou ao estudo meticoloso de alguns aspectos do nosso passado, onde a Idade Média e a Cidade de Braga ocupam um lugar proeminente. Da sua bibliografia ressaltamos:

*A naturalidade de Francisco Sanches*, Braga, 1946; *O bispo de Braga Balcónio e a primeira conversão dos Suevos*, Braga, 1949; *O primeiro tratado de aliança anglo-português (Tratado de Tagilde de 10 de Junho de 1372)*, Braga, 1949; *O carácter complexo da eleição de 1385. De como D. João I não foi nas cortes de Coimbra estritamente eleito*, Porto, 1958; *Ainda o lendário de Aljubarrota*, Porto, 1960; *O casamento válido de D. Inês de Castro*, Porto, 1961; *O problema da época do achamento das Canárias pelos portugueses (Reinado de D. Afonso IV ou de D. Dinis)*, Lisboa, 1961; *Breves notas sobre Presúrias do século IX na Terra Portuguesa a respeito de Vimara Peres*, Porto, 1968.

A sua eleição, em 1949, para o cargo de vereador da Câmara Municipal de Braga, encarregado do pelouro da cultura, deu-lhe oportunidade de exercer uma acção a todos os títulos notável. Organizou as comemorações do XIV centenário de S. Martinho de Dume (1950), o Congresso do IV cen-

tenário de Francisco Sanches (1951), o I Congresso de Etnografia e Folclore (1956), o Colóquio de Estudos Suévicos-Bizantinos (1957) e o Congresso Histórico de Portugal Medieval (1959). A partir de 1949, dirigiu a revista *Bracara Augusta*, e, desde 1961, *O Distrito de Braga*. Em 1963, a Câmara de Braga, reconhecendo públicamente o mérito da sua actuação, outorgou-lhe a Medalha de Honra da cidade.

Criada a Faculdade de Letras na Universidade do Porto, em 1961, logo a partir do início das suas actividades, em 1962, o Dr. Sérgio da Silva Pinto ingressou no seu corpo docente, aqui ensinando durante os últimos anos da sua vida, numa dedicação total à escola e aos alunos. Leccionando História da Civilização Romana e História da Idade Média, soube imprimir aos seus cursos o respeito cuidadoso pelo passado histórico, a par de um ambiente de invulgar calor humano e amizade.

Preparava a sua dissertação para o acto de doutoramento, a apresentar à Faculdade de Letras do Porto, quando a doença o atacou mortalmente, privando-nos a todos da sua presença e do seu convívio.

\*

\*

\*

Depois de celebradas missas na igreja de Ramalde, da cidade do Porto — que era a paróquia onde residia o saudoso professor — e na catedral da arquidiocese bracarense, o corpo do Dr. Sérgio da Silva Pinto foi a enterrar no cemitério dos Arcos, da sua terra natal, na manhã de 29 de Agosto de 1970.

Antes da inumação, o director da Faculdade de Letras, Prof. Doutor António Cruz, proferiu as seguintes palavras:

*«Regressas, querido Sérgio, à terra onde os teus olhos se abriram para a luz e os teus pés tentaram os primeiros passos. Regressas à terra bem amada que foi o teu berço e que de ti mereceu, anos sem conta, dedicação inultrapassável e desinteressada. Deus o quer: terás agora a paz ambicionada por quem vive, como tu soubeste viver,*

*toda uma vida atarefada, não conhecendo outra recompensa, nem a desejando, que não seja a certeza do dever cumprido.*

*«Cumpriste o teu dever, querido Sérgio. Como homem de carácter, sempre a constituíres-te em exemplo. Como timoneiro de um lar que tendo sofrido o golpe mais rude, não abandonou o leme. Como investigador apaixonado pelos seus temas eleitos e sempre a revelar-se insatisfeito. Como professor que vivia inteiramente para a sua escola, no respeito e na admiração dos seus companheiros e dos seus alunos. Cumpriste o teu dever, querido Sérgio. Foste um exemplo. E até no sacrificio a que Deus te sujeitou.*

*«A jornada terrena finda aqui, nesta hora do teu regresso à cidade augusta que foi o teu berço. Acompanharam-te amigos, constituídos em delegados de tantos outros que desejariam ter vindo, a ser-lhes possível fazê-lo. Acompanharam-te admiradores, que os tinhas sem conta. E vieram, amigos e admiradores a um tempo, os teus companheiros da escola a que eras tão dedicado, docentes e discentes, cabendo-me proferir a palavra que todos eles, eu o sei, queriam dizer neste breve minuto: a palavra de saudade e de gratidão que mal podemos articular, quando a dor teima em escolher as lágrimas para dar testemunho da sua presença.*

*«Revivemos, no esbatido do tempo e ao favor da memória, as horas meridianas de há oito anos, quando chamados à responsabilidade sem limite de encaminhar uma nova faculdade nos seus primeiros e incertos passos. E encaminhá-la quando não havia à nossa volta, embora diluídas de aparência, tão-só expectativa ou simples curiosidade. Nessas horas, tu foste, querido Sérgio, dos mais dedicados. E sempre preocupado, como os teus pares, com o desejo de inovar, de actualizar, de recriar, de manter diálogo, de encaminhar o aluno para o encontro decisivo com a sua inteligência e a sua capacidade, lançado assim na verdadeira e autêntica reforma*

*de processos e métodos. Vieram, depois, outras horas, porém a insatisfação sempre foi a mesma. A consumir-nos, sem nos conceder repouso. A dominar-nos, sem nos consentir desvios. A impor-nos uma nova regra de vida. E a roubar-nos a própria vida, como agora destruiu a tua, querido Sérgio.*

*«Tombaste de pé, firme na tua crença, resignado perante a dor. A Fé, para ti, foi o melhor dos amparos, divino complemento dos carinhos da Família. E a mesma Fé, que é a nossa, promete-nos o novo e definitivo encontro, quando do final da jornada terrena de cada um de nós. Mas enquanto não chegar a hora derradeira, tu permanecerás ainda, vivo, entre nós, na lição do teu exemplo. Deixamos agora o teu corpo na terra natal. Deus, assim o imploramos, dará boa acolhida à tua alma. Da tua inteligência ficou um luzeiro na nossa escola, que há-de iluminar, gerações em fora, quem a ela se acolha para cobrar saber. Não mais te esqueceremos, querido Sérgio! Adeus — e até sempre!»*

